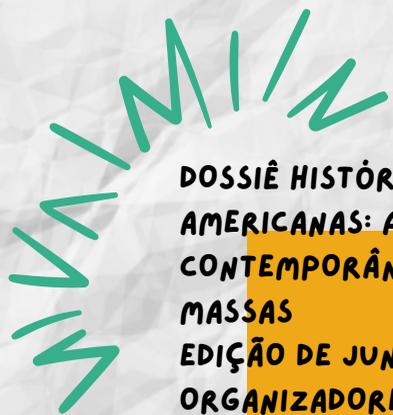




USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS

ROMÊNIA OLIVEIRA DE SOUZA



**DOSSIÊ HISTÓRIA EM QUADRINHOS LATINO
AMERICANAS: A HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA NA CULTURA DAS
MASSAS**
EDIÇÃO DE JUN. 2022 V. 16 N.30
ORGANIZADORES: PROFA. DRA. TALITA
SAUER MEDEIROS (UFGD)
PROF. DR. ROGÉRIO IVANO (UEL)





USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS

Uses of photography in social
science research and some
possible visual hermeneutics.

Romênia Oliveira de Souza¹

¹ Mestra em Desenvolvimento Regional Sustentável (Universidade Federal do Ceará – UFC). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos, Sustentabilidade e Políticas Públicas (LAURBS) da Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: romenia.o.de.souza@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0363-1652>.



323 **Resumo:** Neste artigo, fiz uma revisão bibliográfica sobre as características, as possibilidades e os limites dos usos da fotografia em pesquisas das ciências sociais. Apresentei várias hermenêuticas visuais possíveis a partir de imagens cujos temas são relevantes na contemporaneidade. A fotografia foi situada nas perspectivas das metodologias não convencionais e integrativas e da hermenêutica para enfatizar o potencial daquela em instigar percepções diversas sobre um mesmo assunto, qualidade a ser estimulada nas práticas investigativas, científicas e docentes. Também por propiciarem visões, razões e racionalidades múltiplas, sem assumir a existência de leis gerais a serem descobertas através de métodos hipotético-dedutivos ou indutivos e incluindo dimensões de corporeidade, emocionalidade e criatividade. A pluralidade de interpretações faz parte da realidade social. As mídias digitais perceberam esta possibilidade e têm utilizado a disposição texto-imagem para transmitir ideias, denúncias e mobilizar em torno de causas, enquanto algumas ciências têm perdido esta oportunidade por preconceitos. Contudo, ao escrever este artigo, me despi de pretensões discursivas filosóficas, pois estas fogem às minhas competências acadêmicas. Ressaltei apenas o maior protagonismo que a análise fotográfica pode ter nas pesquisas das ciências sociais.



Palavras-chave: Fotografia; Usos científicos; Hermenêutica visual; Ciências sociais.

Abstract: In this article, I did a bibliographic review on the characteristics, possibilities and limits of the uses of photography in social science research. I presented several possible visual hermeneutics from images whose themes are relevant in contemporary times. Photography was situated in the perspectives of unconventional and integrative methodologies and hermeneutics to emphasize the potential of the photograph to instigate diverse perceptions on the same subject, a quality to be stimulated in investigative, scientific and teaching practices. Also for providing visions, reasons and multiple rationalities, without assuming the existence of general laws to be discovered through hypothetical-deductive or inductive methods and including dimensions of corporeity, emotionality and creativity. The plurality of interpretations is part of the social reality. Digital media have realized this possibility and have used the text-image provision to convey ideas, denunciations and mobilize around causes, while some sciences have missed this opportunity for prejudices. However, when writing this article, I have devious philosophical discursive pretensions, as these are beyond my academic skills. I emphasized only the greatest role that photographic analysis can have in social science research.



Keywords: Photography; Scientific uses; Visual hermeneutics; Social sciences.



325 A fotografia, já há algum tempo, é utilizada por algumas ciências como parte importante de suas pesquisas. Trata-se de recurso rico em possibilidades, tendo limites como quaisquer outros métodos quantitativos e qualitativos. É notório que a verdade de uma representação é importante para seu usuário. Mas, no caso da fotografia, há muito mais preconceitos por parte de pesquisadores e instituições das ciências sociais positivistas, tais como alguns grupos da sociologia e os economistas, do que falta de rigor e coerência analítica. O mais curioso é o comportamento destes grupos para com aquelas representações menos fiéis ao cotidiano, embora dotadas de poder simbólico:

As parábolas (por ilustrarem atitudes morais ou princípios religiosos); o tipo-ideal (de Max Weber e o modelo microeconômico de concorrência perfeita, cujos princípios são assustadoramente defendidos mesmo nos anos correntes pelos neoliberais, embora nada descreva do mundo social); e os modelos matemáticos (tipo ideal ainda mais apartado da realidade que os anteriores, com suas manipulações tentando



confirmar ou refutar um ponto de vista, e praticamente não questionado pelos cientistas). Os usuários compreendem a utilidade destas representações irrealistas por se referir ao poder de clarificar “o funcionamento interno de uma ação coletiva obscurecida pelos detalhes historicamente contingentes de contextos particulares do mundo real” (BECKER, 2009, p.151).

Pois bem, mesmo sendo graduada numa ciência conservadora (as Ciências Econômicas), meu interesse acadêmico pela fotografia aconteceu durante a escrita da dissertação de mestrado para a qual minha orientadora tinha como exigência que seus orientandos trabalhassem com Metodologias não Convencionais e Integrativas¹ (MnCI) dos sujeitos da pesquisa – as quais discorrerei brevemente adiante.

¹ As MnCI formam conceito cunhado por Valeria Giannella quando, após intensa colaboração e envolvimento no processo de desenvolvimento local formatado por uma política pública, nos anos 2006 e 2007, em região extremamente carente de Salvador, percebeu a repetição de ‘liturgia consolidada’ de participação, através de métodos privilegiadores de código lógico-verbal, ignorando o contexto de elevado analfabetismo. E onde as pessoas não se interessavam pela participação aclamada por tal política, seja pelas necessidades cotidianas urgentes, seja por culturalmente não terem o hábito de lidar com tais questões. Os arcabouços convencionais adotados desconheciam as recentes e avançadas pesquisas sobre a neurofisiologia humana apontando para a reconsideração de antigas dicotomias organizadoras da visão de mundo dominante (GIANNELLA; OLIVEIRA; CALASANS, 2009).





O tema era instigar outras percepções sobre pobreza e trabalhei com referenciais objetivistas multidimensionais e subjetivistas. Durante a fase de pesquisa num bairro considerado pobre da minha cidade, os participantes desconheciam o tema e me diziam suas impressões boas e ruins sobre o local, ao mesmo tempo em que fotografavam estas. Num segundo momento, perguntei o que entendiam ser pobreza e comparei suas percepções da fase anterior com seus discursos sobre o assunto. A análise das fotografias se mostrou extremamente frutífera, principalmente por retratarem situações, pessoas e lugares descritos positiva e negativamente. As percepções não necessariamente traziam o estigma que a noção ‘bairro pobre’ conforma.

Noutra oportunidade, ministrei minicurso sobre fotografia na pesquisa durante a XIX Semana de Economia da Universidade Regional do Cariri, em 2019, no qual trabalhei com *PowerPoint* de 50 páginas contendo muitas imagens da *internet*, e fiz interpretações, juntamente com os participantes, sobre elas. Senti o quão oportuno seria colocar aquelas ideias no papel – a forma hegemônica de comunicação textual valorizada pela ciência ocidental – a fim de ter um alcance maior do que o proporcionado por essa experiência empírica. E me propus escrever este artigo. De antemão, é preciso situar a análise fotográfica dentro de dois arcaouços cruciais para o



entendimento do que exporei nas próximas seções: as MnCI, citadas anteriormente, e a hermenêutica.

As MnCI são não tecnicistas, produzem conhecimentos interativos e ao valorizar competências reais dos sujeitos, mobilizando-as para a ação na esfera pública incluem o recurso às artes (aqui, a fotografia) como auxílios à compreensão e reflexão na vivência da realidade. Isto porque são instrumentos poderosos para despertar e legitimar sensibilidades outras relativas àquelas puramente racionais, acolhendo sujeitos excluídos pelos códigos dominantes. Propiciam visões, razões e racionalidades múltiplas, sem assumir a existência de leis gerais descobertas através de métodos hipotético-dedutivos ou indutivos e incluindo dimensões de corporeidade, emocionalidade e criatividade (GIANNELLA, 2008).

O uso desse tipo de abordagem auxilia a flexibilidade das fronteiras disciplinares evoluindo para o desenvolvimento transdisciplinar. Ou seja, a realidade não mais se esgota apenas em uma construção concreta, constituindo-se também de dimensões inter e transsubjetivas, já que abstração e subjetividade são constitutivas da formação humana e da natureza (RODRIGUES, 2006). Ao usar a fotografia, neste contexto, são estimuladas a compreensão e reflexão da vivência da realidade, ao mesmo tempo em que legitima a coexistência



de emoções, sentidos, senso estético, empatia, sem rejeitar o raciocínio lógico, o interesse individual (GIANNELLA, 2008).

Quanto à hermenêutica, esta é uma das correntes filosóficas contemporâneas e destaca a importância da interpretação não apenas de textos², mas da relação do ser humano com a realidade (MATTAR, 2010). A reflexão hermenêutica é orientada pelo desejo de diálogo

com o objecto da reflexão para que ele 'nos fale', numa língua não necessariamente a nossa, mas que nos seja compreensível, e nessa medida se nos torne relevante, nos enriqueça e contribua para aprofundar a autocompreensão do nosso papel na construção da sociedade [...] (SANTOS, 1988, p.10).

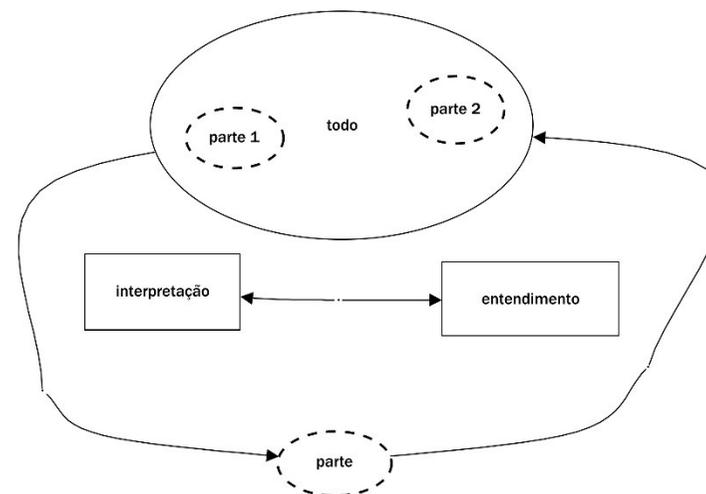
O princípio hermenêutico diz que a parte é tão determinada pelo todo como o todo o é pelas suas partes (GADAMER, 1983, p.162 *apud* SANTOS, 1988). E cada interpretação está ela mesma baseada em interpretação, não

² Texto é entrelaçamento de ideias, conjunto de informações conectadas entre si estabelecendo coesão e coerência. É ainda qualquer forma de comunicação, seja oral, escrita, verbal ou não, direcionada a outrem (ROSENTHAL; FURTADO; OMENA; HENRIQUE, 2011).



escapando da circularidade implicada. A imagem 1 mostra este momento ontológico da compreensão, conhecido como círculo hermenêutico (MATTAR, 2010).

IMAGEM 1 - O CÍRCULO HERMENÊUTICO



FONTE: ROMÊNIA OLIVEIRA DE SOUZA.

Situar a fotografia dentro das perspectivas das MnCI e da hermenêutica, aqui na introdução, serve para enfatizar o potencial daquela em instigar percepções diversas sobre um mesmo assunto, o que faz desta qualidade uma riqueza a ser estimulada nas práticas investigativas, científicas, docentes. A pluralidade de interpretações faz parte da realidade social. O mundo não acadêmico das mídias digitais já desfruta desta



possibilidade e se vale da disposição texto-imagem para transmitir ideias, denúncias e mobilizar pessoas em torno de causas³.

Este artigo é revisão bibliográfica sobre as características, as possibilidades e os limites dos usos da fotografia em pesquisas das ciências sociais, com apresentação de várias hermenêuticas visuais possíveis, a partir de imagens cujos temas são extremamente relevantes na contemporaneidade. Contudo, me dispus de pretensões discursivas filosóficas, pois estas fogem às minhas competências acadêmicas. Almejo apenas ressaltar um protagonismo maior da análise fotográfica.

Além desta introdução, contêm outras duas seções: na próxima, discorro sobre as três fases de sistemas representativos das imagens; e a importância destas nas sociedades modernas e pós-modernas; as características da fotografia nos sistemas de informação; seus usos como documento e discursos e a construção de narrativas; e seus

³ Sigo páginas no *Instagram* que utilizam, com senso crítico e responsabilidade, a relação texto-imagem, tais como Mídia Ninja; Quebrando o Tabu; Arquivos Feministas; Café com Sociologia; e Filosofia Líquida. Uma forma contra hegemônica de comunicar, para públicos diversos, temas socialmente relevantes, com didática eficiente: textos claros, breves e imagens que complementam ou têm maior destaque que as palavras. A contra hegemonia está na plataforma educativa utilizada, no fato de que se mostram agentes informais de educação, na estética, no alcance...



limites e possibilidades. Na última, apresento exemplificações do uso imagético nas ciências sociais, contrabalançando a hegemonia da escrita na discussão científica ocidental.



Análise Fotográfica

Imagens sempre foram utilizadas para interpretar informações sobre a realidade desde a época de filósofos como Platão, os quais buscaram reduzir esta dependência ao longo do tempo. No século XIX, tal padrão parecia alcançável com o avanço do pensamento científico e humanístico. Entretanto, isto não se confirmou, pois, conforme Feuerbach, a sociedade prefere, conscientemente, a imagem ao acontecimento, a reprodução ao original, a representação à realidade, o aparente ao ser (SONTAG, 1977). O questionamento sobre a relação entre imagem e real aparece em todos os sistemas representativos criados pelo ser humano, dividindo-se em três fases (ou paradigmas): 1^a) a imagem pré-fotográfica enquanto representação figurativa (desenhos, gravuras, pinturas) inventada pela mão humana; 2^a) a imagem fotográfica captada por aparelho técnico com uso de lentes e baseado em princípios físico-químicos, cujos rastros são perceptíveis visualmente; 3^a)





a imagem pós-fotográfica produzida por *pixels* eletrônicos, lidas e editadas em programas informatizados (BUITONI, 2011, p.37).

333 Durante a modernidade, produzir e consumir imagens tornaram-se duas das atividades características em razão de seus poderes determinadores de necessidades humanas, substitutas da experiência real, indispensáveis para a saúde econômica, a estabilidade social e a busca pela felicidade (SONTAG, 1977). A sociedade pós-moderna (da imagem e do espetáculo, nos termos de Friedrich Jameson e Guy Debord), com a onipresença midiática, é cenário da atual expansão capitalística através da estetização da realidade, colonizando o inconsciente e a natureza. A cultura pós-moderna interfere na cognição e composição da subjetividade, produzindo pessoas estereotipadas, cujos cotidianos substituem experiências reais pelo espetáculo. Não mais se vive; se encena, teatraliza (FRIDMAN, 1999). A realidade percebida como aquilo mostrado pelas câmeras. A vida real agora se ‘parece com um filme’. As imagens, sobretudo as fotográficas, desfrutam uma autoridade quase ilimitada sobre a sociedade, em decorrência de características peculiares descritas na sequência.

A primeira é o fato de a fotografia não ser apenas semelhante ao tema retratado, mas extensão dele. Uma forma poderosa de adquiri-lo e controlá-lo. Trata-se de relação entre consumidores de eventos e experiências próprias; de outrem; e



das máquinas criadoras e duplicadoras das ditas imagens. Mas não é só isto: é adquirida informação, e não experiência (SONTAG, 1977). A fotografia é representação e memória do fragmentário (o próprio modo de ser da sociedade contemporânea). Não congela o que está lá – ela nutre a sua interpretação sem romper o fluxo real, agregando e redefinindo significações ao que só aparentemente é um congelamento da imagem, um retrato de certo momento. Constitui representação de uma realidade social cuja compreensão depende de informações não expressamente contidas nelas (MARTINS, 2013).

É capaz de descrever a aparência visual de algo / alguém, sendo construída ou manipulada subjetiva, conceitual e tecnicamente para apresentar um ponto de vista ou ideia particular. “O único aspecto factualmente correto da fotografia é que ela mostra como era a aparência de determinada coisa sob um determinado conjunto de circunstâncias. Mas isso não é a mesma coisa que a verdade subjacente ao evento ou a situação” (HURN, 1997 *apud* SHORT, 2013, p.14). Mas, ainda que uma fotografia não seja uma representação objetiva da realidade, ela pode ser considerada um meio para transmitir crenças sobre a essência daquela ideia, pessoa, lugar, evento (SHORT, 2013). Por isto, aceita e utilizada como ‘testemunho da verdade’ dos fatos



graças à sua natureza físico-química e eletrônica de registrar aspectos seletivos do real (KOSSOY, 2016).

Aquilo fotografado torna-se parte de um sistema informativo, adaptável aos esquemas classificatórios e de armazenamento e arquivamento. Seja para prever o tempo, para usos diversos na astronomia, microbiologia, na geologia, na polícia, para formação e nos diagnósticos médicos, no reconhecimento militar e na história da arte (SONTAG, 1977).

[...] conta com uma aplicabilidade extraordinária: objeto de estudo, instrumento de percepção, ferramenta de trabalho, registro, memória, meio de expressão, comunicação, documento, informação, produção e subjetividades, o campo é imenso e as artes, as ciências em geral e as práticas sociais têm-se valido fartamente das fotografias como suporte privilegiado, braço direito de suas análises, documento comprobatório etc. (BUIIONI, 2011, p.128-129).

A realidade é redefinida como artefato para exposição, registro examinável e vigiável (SONTAG, 1977). Outra característica importante da fotografia como instrumento para circulação de ideias, formação e manipulação da opinião pública é sua abertura às diferentes ideologias. Quaisquer que sejam

RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO



seus conteúdos, ela tem de ser considerada enquanto documento histórico multidisciplinar cujos sentidos não se esgotam nela – logo, são fontes discursivas – e aguardam decifração. Não é demais lembrar, o potencial informativo de qualquer objeto é alcançado quando os fragmentos são contextualizados na trama histórica, em seus desdobramentos sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais circunscritos no tempo e no espaço do ato de tomada do registro (KOSSOY, 2016).

O olhar capta o que pode significar, diferentemente da visão, que é uma competência física do corpo humano. Sua visão é genérica, o olhar é intencional, e as formas de olhar são resultado de uma construção que é cultural e social. [...] Os trabalhos que lidam com a análise da imagem nessa perspectiva lidam também com o cruzamento de olhares: o do autor das imagens, os dos sujeitos da imagem e o do próprio pesquisador (BARBOSA; CUNHA, 2006, p.54).

Acrescentam-se os daqueles que leem as imagens *a posteriori* (SOUZA, 2014). Para compreender a lógica da fotografia como documento iconográfico do real, fonte histórica,





fornecedora de provas, indícios, é preciso recorrer à semiótica de Peirce e suas classificações. Fala-se em índices e ícones. Índices são constatações da existência do objeto e do assunto representados. Qualquer que seja o conteúdo haverá o rastro indicial (vestígio), mesmo quando o referente é artificialmente produzido. Ícone é a comprovação documental da exterioridade do assunto e de sua semelhança com a imagem. Ambos não são compreendidos isoladamente (KOSSOY, 2016).

O ícone subdivide-se em: puro – “uma simples qualidade de sentimento indivisível e inalisável. Só pode ter uma natureza mental, mas como possibilidade ainda irrealizada não é nem mesmo comparável a uma ideia [...]”; atual – refere-se às diferentes funções adquiridas nos processos perceptivos; e em signos icônicos / hipoícones – representa algo, seja pela similaridade na aparência (imagens propriamente ditas), seja pelas relações (diagrama), ou pelo significado (metáfora) (SANTAELLA; NÖTH, 2012, p.62). A comunicação se estabelece através de signos se transformando culturalmente em significações, sendo, suas representações, manifestações externas dessa construção pelos indivíduos em seu fazer cotidiano (BARBOSA; CUNHA, 2006).

As realidades da fotografia dizem respeito à história do assunto independentemente da representação, ao contexto no momento do registro, as ações e técnicas adotadas pelo fotógrafo diante do tema (realidade externa). E ainda àquela



história oculta fotograficamente e inacessível fisicamente, presente na existência do observador e do fotógrafo (realidade interna), confundindo-se entre si. Portanto, a primeira é o instante de curtíssima duração em que se dá o ato do registro; findo o ato, a foto obtida já se integra numa outra, aquela do assunto representado contido nos limites bidimensionais da imagem.

Por isto, Boris Kossoy destaca os mecanismos mentais regentes da produção e da recepção imagética:

- o *processo de construção da representação*, isto é, a produção da obra fotográfica propriamente dita, por parte do fotógrafo; - o *processo de construção da interpretação*, isto é, a recepção da obra fotográfica por parte dos diferentes receptores, suas diferentes leituras em precisos momentos da história. (KOSSOY, 2016, p.41, *grifos do autor*).

Cientificamente, a desmontagem do signo fotográfico (proposição metodológica de análise e interpretação) vem acontecendo pela análise iconográfica – a reconstituição do processo originador do artefato (assunto, fotógrafo, tecnologia, lugar e época) e a recuperação da lista informativa decodificada na imagem para obter detalhes icônicos que compõem seu



conteúdo; e a interpretação iconológica, na qual não há regras interpretativas devido à polissemia inerente à fotografia e por situar-se além do documento, na esfera das mentalidades (KOSSOY, 2016).

A polissemia da fotografia não provém, portanto, apenas das múltiplas leituras feitas sobre ela. O que é fotografado tem uma carga de significados que a intenção documental do fotógrafo pode anular ou mutilar. Certo direcionamento fotográfico, tanto em relação à escolha do tema quanto em relação ao ângulo, à composição e outros recursos imagéticos empregados na concepção da imagem, é inevitável. A própria realidade, pessoas ou situações fotografadas, já são em si mesmas um cenário teatral polissêmico, desde os equipamentos de identificação, usados pelas pessoas, até os arranjos de cenários e paisagens que compõem a fotografia. Ao transformar as paisagens da cotidianidade em imagem fotográfica, cria-se uma seletividade de focos e de desprezos visuais. Hierarquiza-se o que é visto, glamouriza-se o dia a dia através do ato de registrar e guardar o que vale a pena ser visto (MARTINS, 2013).

Então, “construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, [...] da ilusão do auto reflexo, [...] do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho” (MANGUEL, 2001,

RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO



p.28). Disto, resulta a forma utilizada por Alberto Manguel no livro ‘Lendo Imagens: Uma História de Amor e Ódio’ (2001), para relatar sobre obras de vários autores e as respectivas interpretações sobre cada uma: imagem como narrativa, ausência, enigma, testemunho, compreensão, pesadelo, reflexo, violência, subversão, filosofia, memória e teatro. A fotografia tem as limitações da visão situada do fotógrafo e da invisibilidade de várias dimensões da realidade.

Sua composição é também construção imaginária, expressão e momento do ato de conhecer a sociedade com recursos e horizontes próprios e simbólicos. “O que o fotógrafo registra em sua imagem não é só o que está ali presente no que fotografa, mas também, e, sobretudo, as discrepâncias entre o que pensa ver e o que está lá, mas não é visível” (MARTINS, 2013, p. 28). O modo como uma história é contada, visualmente ou em palavras, depende da cultura, da época e do público.

O contexto (fotográfico, histórico, geográfico e social) pode ser descrito como as circunstâncias que compõem o cenário para um evento, declaração ou ideia. Pode se tratar do conteúdo da fotografia, sua relação com palavras e outras imagens, sua publicação, ou mesmo o local onde for vista (SHORT, 2013). É crucial na análise, por ser provocativo, sugestivo e viabilizar a construção de quadro de possibilidades (BARBOSA; CUNHA, 2006), influenciando no modo como a



USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS



fotografia será interpretada. É fundamental atentar para o contexto, a fim de evitar distorções e deslocamentos das imagens, fato comum na era digital (SHORT, 2013).

O conceito é a intenção relacionada ao motivo de fotografar determinado tema / objeto e como, de qual maneira. Ele vincula o tema ao contexto. As perguntas ‘por que apresentar o assunto através de fotografia?’, ‘o que queremos dizer por meio dela?’, são importantes para analisar seu papel na percepção desenvolvida daquele tema simplesmente por ter sido fotografado. E para compreender a maneira pela qual a conjuntura permeia a interpretação, não apenas em relação ao ‘tema – abordagem conceitual’, mas ao ‘ato de fotografar’ também.

Convicções, noção de integridade, intuição, qualidades pessoais e habilidades técnicas influenciarão a lógica e o conceito do trabalho. “A abordagem conceitual é a essência do processo e da fotografia. Pelo fato de permear certas escolhas sutis concernentes a objeto, materiais, composição e apresentação final, a relação entre conceito e objeto escora tudo o que o fotógrafo faz” (SHORT, 2013, p.46). Aspectos técnicos – cor e tipologia de imagens (digital ou filme), papel de impressão, velocidade do obturador, abertura do diafragma e granulação, luz etc. – apoiarão o conceito.

Quando a fotografia é utilizada como instrumento principal na realização de um trabalho etnográfico, objeto de



estudo, pesquisa ou mera ilustração, sua análise propiciará perceber detalhes de uma cena, evitando a necessidade de voltar ao campo. Ou mesmo perceber informações que não seriam captadas por entrevista e anotações. As linguagens escrita e fotográfica são utilizadas de formas independente e complementar, pois constroem seus discursos a partir de recursos próprios, sem subordinar-se uma à outra; ao mesmo tempo em que minimizam as margens de interpretações subjetivas errôneas (BONI; MORESCHI, 2013).

As formas de relação ‘imagem – texto escrito’ caracterizam um *continuum* no qual Kalverkämper (1993 *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2012) diferencia a imagem sendo inferior ao texto e simplesmente complementando-o (por exemplo, ilustrações em livros); a imagem sendo superior ao texto e dominando-o, pois é mais informativa que ele (exemplificações enciclopédicas); e imagem e texto tendo a mesma importância, integrando-se entre si. Para Bardin (1975, p.111 *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2012, p.57) uma interpretação holística da disposição, lado a lado, do texto e da imagem, também é encontrada na tríade ‘texto impresso, imagem ilustrativa e legenda’: “a legenda comenta a imagem que, sozinha, não é totalmente entendida. A imagem ou figura comenta o texto e, em alguns casos, a imagem até comenta sua própria legenda.”. Mas, conforme Buitoni (2011, p.134), a mesma “legenda dissolve a



multiplicidade de significados da fotografia” e “pode ser mais um esforço [...] para assegurar leituras únicas de um mesmo fenômeno”.

Uma narrativa fotográfica deve descrever, visualmente, algo, e formar um todo (BONI; MORESCHI, 2013). Em meio ao contexto e aos padrões de referência para interpretar imagens, as técnicas narrativas visuais dão sentido, coerência e senso de ritmo a uma imagem ou sequência delas. A narração pode simplesmente dar a entender o que aconteceu ou poderá acontecer; ser uma interpretação fictícia de determinada pessoa, lugar, evento ou momento. Observar a foto examinando o que realmente está ali e considerar ‘o quê?’, ‘onde?’, ‘como?’, ‘por quê?’, ajuda a desenvolver uma linguagem visual eficaz. Colin Jacobson (*apud* SHORT, 2013, p. 78) diz que “as imagens [...] nos persuadem a responder aos sentimentos daqueles que aparecem nelas”. Embora se tente transmitir uma intenção, nem sempre é possível prever com precisão a resposta do público (*Ibid.*). Em todo o processo fotográfico deve-se considerar: o contexto e a comunidade; o espaço, a informação e a percepção de vida; o urbano, a natureza e a cidade; a cultura, a vida, a subjetividade; os impactos; a ética e a solidariedade (ESTRELLA, 2006).

As críticas, os limites e as possibilidades da fotografia estão fundidos. Mesmo com seus tantos usos narcisistas, instrumento para despersonalização da relação humana com o



mundo, ela é formadora de hábitos, alienação e participação, em sentido amplo e crítico. Ao saber muito do que se passa no mundo via fotografias, as pessoas se frustram, surpreendem, se sentem indiferentes quando veem a coisa real. Tornam-se vulneráveis a fatos perturbadores em forma de imagens, de um modo que não ocorre diante da realidade, devido à passividade distintiva de alguém duplamente espectador de fatos já elaborados pelos participantes, e depois pelo fotógrafo.

O dramático é dramatizado pela didática da composição e da edição. Na forma de imagens fotográficas, coisas e fatos recebem novos usos, destinados a outros significados. A sociedade capitalista requer uma cultura imagética para fornecer entretenimento, estimular o consumo, anestesiar as feridas sociais; para reunir informações exploradoras das reservas naturais, aumentar a produtividade, manter a ordem, fazer a guerra, dar emprego a burocratas. A produção de imagens também supre ideologias dominantes (SONTAG, 1977).

Uma experiência pedagógica derivada dos anos de ensino do fotojornalismo [...] mostrou um papel importante da fotografia: o potencial mobilizador. Tal experiência reconhece o valor da experiência subjetiva e tem um componente político na observação das prioridades



apresentadas na documentação fotográfica (BUITONI, 2011, p. 139 -140).

Além disto, experimenta-se o recurso às fotografias enquanto objeto possibilitador de maior reflexão e análise, centrando-se na pertinência de um olhar compartilhado, interativo e que confronta universos culturais distintos (BARBOSA; CUNHA, 2006).



Breves exemplos de análises fotográficas

345

Os grandes méritos da fotografia estão nos fatos de ser provocadora, estimulante e aberta ao diverso. Apresentarei análises feitas com fotografias disponíveis na *internet* e uma de trabalho empírico. Individualmente, cada foto é rica em significações e provoca sentimentos ambíguos. Lidas em determinado grupo imagético, a narrativa se orienta para uma finalidade que pode não ter sido a mesma do fotógrafo. Havendo legenda, o sentido fica mais restrito à determinada intenção. Em todos os casos, permanece aberto o potencial de interpretações outras, conforme os referenciais de cada sujeito observador e as manipulações do pesquisador. Afinal, para além de documento, a fotografia também comporta discursos.



RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO



A imagem 2 traz uma causa muito importante para mim: a defesa dos animais. Escolhi um conceito de apresentação que servisse ao meu propósito de ressaltar a causa da proteção animal, deixando-os livres na natureza e sem tratá-los como mercadorias expostas em vitrines. Encontrei duas fotografias que mostram interações entre animais humanos e não humanos, a presença de grades e trocas econômicas, a partir de ângulos distintos. Coloquei-as lado a lado e recorri a um título direto quanto ao meu intento, embora incluindo também o direito humano à educação, a fim de mobilizar àqueles menos propensos a aderirem à causa de outros animais.

IMAGEM 2 - DE QUE MANEIRA ISTO SERIA EDUCACIONAL? UM PROTESTO SOBRE OS DIREITOS DOS ANIMAIS E CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA



FONTES: 2.1: SUCIU (2009); 2.2: AUTOR NÃO IDENTIFICADO, *SITE EL COMERCIO PERÚ* (2016)



USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS



A primeira das fotografias mostra um urso visivelmente deprimido, sentado, com as costas apoiadas na jaula, sem olhar para os expectadores. Calin Suciu, ao publicar a imagem no Flickr, nomeou-a, ironicamente, de ‘*“Happy” bear. A bear at the Zoo. No comments needs*’, reforçando a percepção de que o animal estava triste. Independente do motivo pelo qual foi levado ao zoológico, o fotógrafo tinha intenção de denunciar e protestar, assim como eu. Na segunda fotografia, em zoológico chinês, permanece o caráter mercantil, mas os felinos estão livres, saudáveis e em ambiente ‘natural’. Os humanos observam de dentro de grades, sentem a adrenalina provocada pelo instinto selvagem dos bichos observando-os. Estão seguramente encurralados; tão logo acabe o passeio, estarão livres.

Duas perspectivas diferentes: a última, positiva e claramente educativa. Embora minha ideologia seja explícita, nada impede de observadores terem percepções outras. Nos termos de Manguel (2001), as fotografias narram ausência de liberdade e pesadelo; denúncia; testemunho, subversão. No primeiro caso, para os humanos que participam da fotografia há informação; no segundo, há experiência. Para o leitor, há algum tipo de informação com algum grau de manipulação da minha parte, haja vista contrapor imagens de animais em zoológicos, nas quais o lugar dos humanos em relação às grades muda para reforçar minha posição contrária à mercadorização de bichos.



Ao ver o urso cabisbaixo, lembrei-me de ler o livro de Maria Short (2010), no qual aparece fotografia de outro urso em cativeiro, feita por Britta Jaschinski para seu livro *Zoo*, com 74 imagens de animais em zoológicos, em que, além de reproduzir a cena impactante, Short transcreveu o seguinte *post-scriptum*.

Os inquietantes paradoxos inerentes aos zoológicos me levaram a descobrir aspectos de mim mesma, dos animais e de uma sociedade que sente a necessidade de confinar. Uma torrente de associações afetivas, sociais e psicológicas varreu minha lente, e é precisamente por causa dessa complexidade que eu nunca desejaria que minhas imagens fossem didáticas ou mesmo definitivas. Elas não conseguem ilustrar meu mal-estar, mas parecem encarnar o desconforto desse mal-estar que talvez muitos de nós sintam. A intenção é permitir matizes de interpretação de maneira que, se algum de meus sentimentos, impressões e modos de olhar refletir alguma verdade, esta será reconhecida pelo espectador. (JASCHINSKI, 1996 *apud* SHORT, 2010, p.144).



Na imagem 3, usei como título apenas a identificação dos lugares retratados, muito embora a palavra *versus* sirva, apenas, para enfatizar a oposição já presente na própria cena aérea. A interpretação é relativamente direta, pois na narrativa textual ainda cabem distintos apelos discursivos. A análise documental mostra a fronteira entre a ‘favela’ Paraisópolis, do lado esquerdo, e o ‘bairro’ Morumbi, no direito. Num lado, construções amontoadas sem quaisquer interferências de arquitetos e engenheiros, ruas sem traçados regulares, repletas de signos da pobreza econômica e material. Paraisópolis é ‘favela’ e não ‘bairro’, por si só, uma distinção social repleta de estigmas. Enquanto isto, no Morumbi, aparece um condomínio residencial com piscinas em cada varanda, quadras de tênis e árvores.

IMAGEM 3 - PARAISÓPOLIS *VERSUS* MORUMBI, SÃO PAULO - SP, BRASIL.



FONTE: VIERA (2004)

RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO



São significativos tanto os ícones imagéticos quanto as palavras usadas para se referir ao que é visto. Dificilmente se pensa na não neutralidade das palavras, agindo “como se o vocabulário não demandasse maiores cautelas” (SOUZA, 2012, p. 151). As contradições implícitas nas palavras de senso comum devem ser identificadas e explicitadas.

Favela é um desses termos que parecem já ter adquirido feições de vocábulo ‘naturalizado’, mas que costumam carregar um conteúdo pejorativo que não escapa à percepção daqueles que sofrem com valorações negativas por trazerem a marca de um *estigma socioespacial* (no caso, os ‘favelados’). (SOUZA, 2012, p. 151, *grifos do autor*).

No Brasil, ‘bairro’ exclui a realidade da ‘favela’ (um ‘não bairro’), enquanto em Portugal, isso não ocorre, e o autor cita a expressão ‘bairros da lata’ como exemplo.

Levantar o véu ideológico que geralmente cerca o seu uso, comprometido com a reprodução de relações de poder estruturalmente assimétricas, é tarefa para uma ‘hermenêutica crítica’ dedicada a perscrutar a dimensão cultural-simbólica da



USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS



produção do espaço e as relações contraditórias e conflituosas entre os agentes dessa produção. (SOUZA, 2012, p. 151)

O meu eu irônico se intriga ao pensar como um nobre morador do Morumbi suporta desfrutar de sua piscina enquanto se depara com uma paisagem tão desagradável ao redor, principalmente após um estressante dia de trabalho. Mas, quanta bobagem! Que culpa tem alguém rico, à custa do seu próprio labor, se os outros são pobres? Deveriam se sentir culpados e privados apenas para demonstrar empatia com o infortúnio alheio? Depois de pesquisar sobre pobreza, vejo-a tão presente na riqueza, nesta foto da cidade de São Paulo, com todas as suas nuances (na acumulação de capital, no poder político); nas formas de reprodução da vida; nas condições sociais, materiais, econômicas e de juízo moral; na representação de pobreza urbana e sua relação com o planejamento urbano (ou falta dele); nos processos de segregação residencial. Percebo a pobreza de pontos de vistas objetivistas (econômica, social, política, humana e cultural) e subjetivista (ausência de sobriedade e novos estilos de vida) (SOUZA, 2014; 2015).

A imagem 4 traz uma polêmica de 2019, no Brasil, em torno de problema do trabalho infantil. Recorri a uma estratégia discursiva que contrapõe o meu posicionamento político-social-



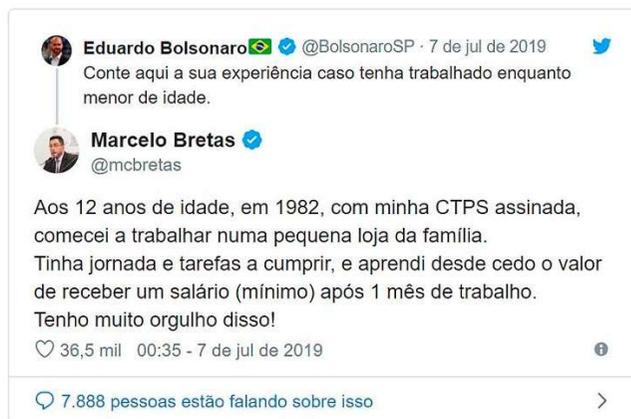
ideológico-científico com o dos personagens públicos que aparecem em uma das imagens, o deputado federal, filho do então presidente da República brasileira (2019-2022), e bacharel em Direito – Eduardo Bolsonaro – e o juiz de Direito da Operação Lava Jato no Rio de Janeiro – Marcelo Bretas –, os quais personificam o discurso de imparcialidade e competência: aquele enquanto político de extrema-direita, com objetivos homogeneizadores e universalistas opressores; esse, como agente da ordem pública e da suposta neutralidade jurídica. Ambos favoráveis ao trabalho infantil.

O conceito de apresentação foi assim decidido: utilizei como título a elocução postada pelo deputado em sua rede social; coloquei *print* de tela com a resposta dada pelo juiz; e, na sequência, expus fotografias de crianças trabalhando (feitas por terceiros), como se estas estivessem respondendo à pergunta inicial. O meu objetivo é mostrar a irresponsabilidade de figuras públicas, corroborando para a banalização de um problema sério e extremamente delicado com implicações sociais, econômicas e humanitárias sobre a vida de milhões de crianças e jovens: tratar o trabalho infantil como forma de ocupar o tempo e ensinar a ter responsabilidades e o valor das coisas (discurso hipócrita e simplista), quando por trás está o abandono escolar, a perda da inocência e do direito ao ócio e ao



lúdico, o fardo de sustentar uma família e a própria sobrevivência.

IMAGEM 4 - CONTE AQUI A SUA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO ENQUANTO ERA MENOR DE IDADE.



FONTES: 4.1: PRINT DE TELA DO TWITTER (2019); 4.2: EBC (2017); 4.3: AUTOR NÃO IDENTIFICADO, *IV* VIEIRA (2014).

RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO



Para as análises de discurso e fotográfica é importante contextualizar que a troca de mensagens aconteceu após o filho do presidente, em seu apoio, pedir que seguidores relatassem suas experiências de trabalho enquanto ainda eram menores de idade. Estratégia de manipulação de valores e verdades, uma das especialidades da família Bolsonaro, para que seus seguidores vivam na realidade alternativa e alienada que desejam construir para seus próprios fins. Dias antes, Jair Bolsonaro havia contado que trabalhou quando criança, embora a mãe e um irmão dele tenham-no desmentido. No Brasil, o trabalho infantil é proibido por lei, mas o mandatário não é a favor desta. Ao dar seu testemunho *on-line*, Marcelo Bretas demonstrou apoio a esta prática, sentindo gratidão pela sua experiência. A postagem teve 36,5 mil curtidas até 0h35, do dia 7 de julho de 2019. Bretas declara ter trabalhado em empreendimento familiar, com carteira assinada e auferindo um salário mínimo.

Pensada em termos da legislação trabalhista anterior à aprovada em 2017, a carteira de trabalho só seria assinada com no mínimo um salário e 40 horas semanais. Menores de 16 anos também não podiam trabalhar. Portanto, imagino que o jovem Bretas desfrutou de situação extremamente privilegiada, talvez não estudasse à noite e trabalhasse apenas meio período durante o dia, auferindo um salário mínimo! Não houve,



USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
 E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS





portanto, apropriação da mais-valia absoluta e da relativa de sua força de trabalho, por parte dos seus familiares empregadores.

Não é a situação das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade que, como as das fotografias sequenciadas, trabalham em condições degradantes e em regime de exploração, privadas de direitos constitucionais. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em pesquisa de 2015, havia 2,5 milhões de crianças e jovens, com idades entre cinco e 17 anos, exploradas pelo trabalho remunerado ou doméstico no Brasil. No dia 5 de julho de 2019, a UNICEF publicou apelo para a proteção de crianças e adolescentes contra o laboro infantil (FÓRUM REDAÇÃO, 2019).

Outros aspectos analisáveis na imagem 4: comparação entre as condições de trabalho narradas pelo juiz e as fotografadas; as etnias; as possibilidades de estas crianças estudarem após um dia de trabalho; as condições socioeconômicas das respectivas famílias; a relação não explícita nas imagens entre o trabalho infantil e o programa Bolsa Família (já que, via condicionante de frequência escolar, atua contra esse); a pobreza da discussão sobre um assunto tão delicado na sociedade brasileira e os riscos de aprovação desta prática, tendo por base apenas experiências pessoais que não condizem com a realidade das que estão submetidas à exploração e privações.



Quaisquer análises e escolhas políticas minimamente responsáveis têm de tomar como base fotografias e fatos semelhantes aos da parte inferior da figura 4, a regra nestes casos; e não relatos como os do juiz, a exceção. Para termos de comprovação científica, existem inúmeros estudos nacionais e internacionais a respeito, como o fotodocumentário de Lewis Hine denunciando o trabalho infantil.

O exemplo da imagem 5 foi tirado de artigo publicado por mim e da minha dissertação de mestrado (SOUZA, 2014; 2015), no qual o tema era outras percepções sobre pobreza através de narrativas imagéticas. Na pesquisa empírica, abordei os sujeitos pedindo-lhes que fotografassem aquilo por eles considerado como bom e ruim em seu bairro. Enquanto enquadravam as imagens, relatavam suas percepções e eu fazia anotações em diário de campo. Posteriormente, perguntei-lhes sobre o tema de estudo e as respostas caíam no sentido corrente. A análise foi feita comparando e contextualizando as percepções dos participantes antes e depois de saberem a temática da pesquisa, as notas de campo e os referenciais teóricos multidimensionais objetivistas e subjetivistas sobre pobreza.

Utilizei nomes fictícios, escrevi o perfil dos participantes e relacionei suas respostas com estes. As fotografias foram classificadas em grupos temáticos que





emergiram dos apontamentos dos sujeitos, tais como: percepções sobre esgotos e lixo / resíduos a céu aberto; as pessoas da comunidade; a igreja / religiosidade; os espaços culturais e esportivos; a escola e a biblioteca do bairro; o setor econômico comercial; os espaços de habitação; as fachadas das residências.

IMAGEM 5 - QUINTAL DE VALENTIM



FONTE: VALENTIM (2015).

Para analisar as imagens de habitações nos inspiramos em pesquisa sobre percepção ambiental realizada por Ferrara (1999), ao tratar do tema como espaço heterogêneo, cujas representações fotográficas são divididas em

RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO



dois blocos: aquela direta e imediata; e a indireta, produzida pela mediação de outros elementos lidos como signos do próprio tema proposto. Valentim fotografou o seu quintal [...] e depois pediu para que nós o retratássemos no local. [...] escolheu mostrar o quintal onde fez a festa de 15 anos de sua filha. [...]

Partindo de olhares economicistas, os componentes da foto e a 'bagunça' mostrada ali seriam signos da pobreza. Mas a história por nós desconhecida, os sonhos, os esforços e as alegrias pela realização do aniversário da filha, estão presentes na memória e no orgulho de Valentim em ser fotografado ali. Foi um dos aspectos mais interessantes e emocionantes desse processo de pesquisa empírica: lidar com a percepção do não visível sendo mais forte para o morador-fotógrafo em comparação ao que está lá (SOUZA, 2015, p. 312-313).

A imagem 6 traz sequência de fotografias que me impactaram quando as vi publicadas na rede social *Instagram*, na conta do Mídia Ninja (@midianinja). Todas mostram a força feminina nas lutas contra ocupações coloniais, violência de gênero, ataques à democracia, desigualdade racial, proteção ao meio ambiente. Lutas por um futuro melhor. A fim de descobrir



USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS



quais os contextos históricos em que as manifestantes estavam inseridas, fiz busca no *Bing* sobre ‘protestos políticos (nome do país informado na legenda da postagem) entre 2010-2019 (intervalo temporal em que foram documentadas)’ e obtive indicações.

No Chile (fotografia 6.1), houveram manifestações violentas, fortemente reprimidas pelo governo de Sebastián Piñera, que declarou Estado de Emergência, pôs as Forças Armadas nas ruas e decretou toque de recolher, algo visto pela última vez em 1987 durante a ditadura de Pinochet. As causas envolviam descontentamento com a economia neoliberal vigente; aumento de tarifas dos transportes públicos, da energia e do custo de vida; acusações de corrupção e abusos de autoridades; aumento do desemprego, poucos direitos sociais garantidos; demandas pelo aumento do salário mínimo, educação gratuita e reformas no sistema de pensões e saúde (inclusive direito ao aborto); reconhecimento constitucional dos povos indígenas; e estatização da água.

A fotografia do militar (estereótipo do aparelho estatal disciplinador / opressor / mantenedor da ordem) olhando a jovem de cima para baixo, encarando-o com fúria, é poderosa. O enquadramento ao nível dos sujeitos remete ao comportamento de espectador da sociedade, frente às lutas pela igualdade de gênero; à como sociedades machistas tentam diminuir nossas demandas, nossa força, e direito à participação.



O homem mais velho pode, ainda, simbolizar opressões antigas; enquanto a resistência juvenil representaria as conquistas femininas relativamente recentes. Os acessórios do policial remetem às instituições que protegem os homens, enquanto a mulher aparece despida de equipamentos de segurança. O que reflete quão desprotegidas estamos no que refere aos controles externos sobre nossos corpos.



IMAGEM 6 - VANGUARDA FEMININA EM LUTAS POR UM FUTURO MELHOR



FONTES: 6.1 E 6.5: REUTERS (2020); 6.2, 6.3 E 6.6: AUTORES NÃO IDENTIFICADOS, *SIZE CONFLUENCE* DAILY (2020); 6.4: ART AGAINST OPPRESSION (2016); 6.7: LAGERLÖF (2020); 6.8: GIDDENS (2020); 6.9: THEOFILOVSKI (2020); 6.10: ORSAL (2014).

RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO

Na Palestina houve confrontos entre palestinos e israelenses, em 2017, após Donald Trump reconhecer Jerusalém como a capital de Israel. A cidade é sagrada para muçumanos, cristãos e judeus. Além de divergências religiosas e de controle do petróleo, a criação do Estado de Israel, em 1948, foi vista pelos árabes como estratégia de colonização da região por parte das potências imperialistas. “As divisões sociais e políticas do mundo árabe, seu nacionalismo emergente, o ressentimento pelas derrotas humilhantes e o renascimento do Islã conferiam ao problema contornos ainda mais complexos” (VIZENTINI, 2007, p.109). Na fotografia 6.2, mulheres com rostos e cabeças cobertas, uma delas apontando baladeira para seu alvo, abala a construção imagética de que muçumanas são apenas submissas e dóceis. Na fotografia 6.3, a militar israelense e a manifestante palestina foram retratadas encarnando a oposição destes dois povos há décadas.

A fotografia 6.4, no Brasil, com mulheres usando bandeira, camisa e lenços de cor vermelha, mostra protesto contra o impedimento da presidenta da República, Dilma Rousseff (2016), a primeira mulher a ocupar o cargo mais importante do executivo, no país. Saber o contexto histórico facilita a interpretação: Dilma sofreu golpe de Estado. No show de horrores que foi a transmissão da votação para destituí-la, congressistas mandavam beijos para familiares e agradeciam o



USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS



apoio, conforme atores premiados na cerimônia do Oscar. A trama não captada pela máquina fotográfica, permite enxergar no número reduzido de manifestantes mulheres, na imagem, uma luta desigual, travada por outra mulher e pela nossa democracia, que dali em diante, tornou-se, diariamente, bombardeada, lutando bravamente para sobreviver.

Nos Estados Unidos, a jovem negra (fotografia 6.5) protestava próximo à sede do departamento de polícia de Baton Rouge, na Louisiana, contra a morte a tiros de Alton Sterling, quando foi detida por policiais brancos. O país, supostamente, mais democrático do mundo, apresenta casos frequentes de assassinatos de pessoas com pele preta pela polícia. Minha hermenêutica visual para aquela feliz composição do fotógrafo da Reuters é fundamentada na postura ativa de uma única mulher negra no enquadramento; policiais brancos correndo na direção de dela; e vários espectadores brancos, no plano de fundo. O racismo e a violência policial mobilizam pessoas de pele clara. Contudo, é evidente, nas notícias do cotidiano, que o racismo estrutural é intenso, as lutas pela igualdade racial e equidade de oportunidades são pouco presentes nas vidas de quem não tem pele escura. Este é aspecto relevante pois, para desconstruir o racismo e as violências diárias (inclusive por parte da polícia), são necessárias mudanças culturais e reeducação.



Fotografia 6.6, Bolívia. Movimento de trabalhadores indígenas e informais; um confronto em La Paz no qual trabalhadores informais contestavam se tornar contribuintes de reformas fiscais, enquanto grandes companhias petrolíferas faziam suas próprias vontades com os recursos legais e extralegais. O confronto se transformou em indignação quando tanques e metralhadoras do exército deixaram rastros de sangue (RIVERA CUSICANQUI, 2018). Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), durante o governo do presidente indígena Evo Morales, 30% da população saiu da pobreza. A classe média tradicional estava extremamente apavorada de que a população originária adquirisse o mesmo *status* detido, antes, por aquela. Recentemente, surgiram movimentos da direita política acusando fraudes eleitorais em 2019, não comprovadas. Logo, manifestações em favor e contrárias à destituição e prisão de Morales tomaram as ruas. Na imagem, é perceptível que a etnia da boliviana é indígena, inclusive pelos trajes típicos vestidos. Algumas digressões podem ser levantadas a respeito.

O artigo de Silvia Rivera Cusicanqui sobre micropolítica andina e formas elementares de insurgência cotidiana, no confronto de La Paz, destaca que



é nesta dimensão ética da multidão que o papel das mulheres foi absolutamente crucial. Ao organizar minuciosamente a raiva quotidiana, ao converter o tema privado do consumo num assunto público, ao fazer das suas artes de falatório um jogo de rumores ‘desestabilizadores’ da estratégia repressiva, ao organizar circuitos de troca e marmitas populares para os participantes na marcha de protesto de cada bairro e ponto de bloqueio, conseguiram derrotar moralmente o exército, dando não só o sustento físico, mas também o tecido ético e cultural que permitiu a todos e todas manterem-se agressivamente ativos, quebrar o muro doméstico e transformar as ruas no espaço da socialização coletiva (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 134).

Durante o levante, maioritariamente, eram mulheres e jovens quem sustentavam a ética da ação e lhe conferiam sentido de dignidade e soberania coletiva; mas na hora de discutir política, ouvem-se apenas vozes masculinas, ‘ocidentais’ e ilustradas (vê-se que após a saída de Morales as pautas capitalistas e não indígenas se fortaleceram).

Vivian Urquidi (2018) considera como grande desafio de democracias pós-abissais na região (e aqui vale para Bolívia e Chile, cujas pautas indígenas foram citadas) as problemáticas



trazidas pela questão plurinacional sem que a questão nacional tenha sido superada. Decorre daí a importância do princípio do *Buen Vivir/Vivir Bien (Sumaj Kawsay)* e do reconhecimento dos direitos da Mãe Terra (*Pachamama*) como fundamentos das alternativas ao capitalismo, à dependência, ao extrativismo e ao modelo agroexportador vigente e dominante.

Sobre a Suécia (fotografia 6.7), encontrei citações de crise do estado de bem-estar, avanço do neoliberalismo, polarização de classe, segregação residencial, críticas ao estado da saúde e da educação, aumento das desigualdades económicas. Crise migratória, xenofobia e racismo (THERBORN, 2019) Teresa Tess Asplund, ativista retratada, confrontava um grupo nazista. No Reino Unido (fotografia 6.8), Saffiyah Khan, então com 20 anos, defendia outra mulher que usava *hijab*, no lado externo da biblioteca de Birmingham, durante protesto de um grupo de extrema direita. Enquanto ele tem postura agressiva (braços levemente afastados para trás, pescoço para frente e rosto furioso), ela tem o tronco ereto demonstrando autoconfiança, mãos guardadas nos bolsos, sorriso levemente zombeteiro e o encara com tranquilidade. Um comportamento que costuma irritar ainda mais o macho atacante. O ódio gratuito da extrema direita cresce a passos largos em diversos países.





Na Macedônia (fotografia 6.9), conflitos nacionalistas, étnicos e religiosos contrários à alteração do nome da República Jugoslava da Macedônia para Macedônia do Norte. A mulher (Jasmin Golubovska) retoca sua maquiagem usando o escudo policial como espelho. A imagem foi feita durante protestos contra o primeiro-ministro Nikola Gruevski. Ela contou ao jornal *The Guardian* que queria desenhar um coração, mas o policial não concordou. Perguntou-lhe se poderia usar o escudo como espelho. Ele sorriu, ligeiramente. Na sequência, Jasmin beijou o objeto. A fotografia (como todas as outras desta série) se tornou viral (O'HARE, 2015). O ângulo do mergulho (de cima para baixo) costuma indicar diminuição do que é fotografado. Poderia, intencionalmente, ser interpretado como futilidade feminina em meio a uma crise política, ou afronta. Contudo, não creio que esta fosse a intenção do fotógrafo. Instantâneos em meio à multidão são registrados com os braços levados ao alto e a câmera apontada para baixo, evitando choques corporais e fotografias tremidas.

A fotografia 6.10, 'A mulher de vermelho', de Osman Orsal, mostra o policial Fatih Zengin disparando gás lacrimogêneo contra Ceyda Sungur, que se tornou símbolo dos protestos contra a destruição de árvores, durante eventos do Parque Gezi, na praça Taksim, em Istambul. O policial turco foi à julgamento por abuso de força policial (KULAKSIZ, 2014; NTV, 2013).



A respeito do meio digital em que as imagens 6 foram vistas, por mim, pela primeira vez, nos últimos anos, com o advento de tecnologias de informação e redes sociais, parte da opinião pública e dos protestos têm sofrido intervenção de instituições e organizações da sociedade civil que dominam tais recursos (tanto de direita, quanto de esquerda). Algumas são financiadas por agências estatais norte-americanas, por fundações de bilionários (irmãos Koch, Rede Atlas, ligada ao Movimento Brasil Livre, ativo promotor do impedimento de Rousseff) agentes de reformas pró-mercado (SANTOS, 2018).

A apropriação política, partilhada, transmitida, comum e democratizadora da tecnologia por novos atores sociais redefine suas possibilidades e a própria política, perante as formas hegemônicas abissais.

[...] as práticas na Rede (autoconvocar-se, deliberar em fóruns, consumir contra-informação, tecer redes afetivas e efetivas, gerar e operar em esferas públicas periféricas e digitais) se tornaram tangíveis. Os traços da comunicação digital – cooperação, instantaneidade, realimentação, horizontalidade, descentralização, flexibilidade, dinamismo ou interconexão – tornaram-se presentes em assembleias e acampamentos (SAMPEDRO e



SÁNCHEZ-DUARTE, 2011, p. 237- 238 *apud* SABARIEGO, 2018, p.311).

Obviamente existe exclusão digital e não é possível afirmar que estes espaços sejam todos politizados. Muitas páginas de conteúdo pretensamente ‘político’ são criadas por pessoas que “odeiam a cultura e os livros, mas precisam de toda maneira apresentarem-se como sabichões” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2019, p.69).

Escrevo estas últimas linhas fazendo votos que este artigo inspire futuros trabalhos, nos quais a fotografia tenha maior protagonismo. Como provocação, deixo um texto não verbal (imagem 7) que, além da minha narrativa, está repleto de histórias individuais. Afinal, dispomos de n-hermenêuticas visuais possíveis.



IMAGEM 7 - SÍRIA EM GUERRA: PERMANECER OU PARTIR?



FONTES: 7.1: GRUPO ESTADO ISLÂMICO (2018); 7.2: AP (2014); 7.3: VOSKRESENSKY (2017); 7.4: KILIC (2020); 7.5: ALHALBI/AFP (2020); 7.6: AUTOR NÃO IDENTIFICADO, *BING IMAGE*(2020); 7.7: EID (2016); 7.8: AFP (2020); 7.9: AUTOR NÃO IDENTIFICADO, *BING IMAGE*(2020); 7.10: AFP (2020); 7.11: AUTOR NÃO IDENTIFICADO, *BING IMAGE*(2020); 7.12: AFP (2020).



Créditos das imagens

Imagem 1: SOUZA, Romênia Oliveira de. Mapa conceitual criado no *CmapTools* 6.04, a partir de gráfico referenciado em Mattar, 2010, p. 91.

Imagem 2.1: SUCIU, Calin. *“Happy” bear. A bear at the Zoo. No comments needs.* 21/06/2009, Tirgu Mures, Mures, România.

Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/poppellus/galleries/72157623163661067/>. Acesso: 20/10/2022.

Imagem 2.2: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Disponível em <https://elcomercio.pe/vamos/mundo/zoologico-humanos-animales-cambian-papel-391451-noticia/?ref=ecr> Data de publicação: 22/01/2016. Acesso: 20/10/2022

Imagem 3: VIEIRA, Tuca (2004). Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/12/04/triste-saber-que-ela-continuara-atual-diz-autor-de-foto-simbolo-de-paraisopolis-que-volta-a-viralizar-apos-mortes.htm> Data: 04/12/2019. Acesso: 20/10/2022

Imagem 4.1: *print* de tela do *Twitter*.



RODRIGO LAVALHOS DAL FORNO



Imagem 4.2: EBC. Disponível em:

<http://ptnosenado.org.br/temer-da-as-costas-para-o-trabalho-escravo-e-infantil/> Publicado em: 25/07/2017.

Acesso: 20/10/2022

Imagem 4.3: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. *In*: VIEIRA, Silvia.

Mais de 30 casos de trabalho infantil denunciados ao Conselho Tutelar em Santarém. 11/10/2014. Arquivo da Rádio Progresso.

Acesso: 20/10/2022

Imagem 5: VALENTIM (nome fictício, pesquisa de campo).

SOUZA, Romênia Oliveira de. Outros modos de perceber a pobreza através de narrativas imagéticas. *In*: *Terceiro Incluído*, v.5, n.2, 2015, p.295-319.

Imagem 6.1 e 6.5: REUTERS. Disponível em

<<https://www.confluencedaily.com/2020/01/02/india-times-36-powerful-images-of-women-protesters-leading-from-the-front-across-the-world/>> Data da publicação: 02/01/2020.

Acesso: 21/10/2022

Imagem 6.2, 6.3, 6.6: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Disponível em <<https://www.confluencedaily.com/2020/01/02/india->



USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS
E ALGUMAS HERMENÊUTICAS VISUAIS POSSÍVEIS



[times-36-powerful-images-of-women-protesters-leading-from-the-front-across-the-world/](https://www.confluencedaily.com/2020/01/02/india-times-36-powerful-images-of-women-protesters-leading-from-the-front-across-the-world/)> Data da publicação: 02/01/2020. Acesso: 21/10/2022

Imagem 6.4: ART AGAINST OPPRESSION. Brasil: La oss kale et kupp for et kupp. *Manifest Tidsskrift*. 26/05/2016. Acesso: 21/10/2022

Imagem 6.7: LAGERLÖF, David. Disponível em <<https://www.confluencedaily.com/2020/01/02/india-times-36-powerful-images-of-women-protesters-leading-from-the-front-across-the-world/>> Data da publicação: 02/01/2020. Acesso: 21/10/2022

Imagem 6.8: GIDDENS, Joe. Disponível em <<https://www.confluencedaily.com/2020/01/02/india-times-36-powerful-images-of-women-protesters-leading-from-the-front-across-the-world/>> Data da publicação: 02/01/2020. Acesso: 21/10/2022

Imagem 6.9: THEOFILOVSKI, Ognen. Disponível em <<https://www.confluencedaily.com/2020/01/02/india-times-36-powerful-images-of-women-protesters-leading-from-the-front-across-the-world/>> Data da publicação: 02/01/2020. Acesso: 21/10/2022



Imagem 6.10: ORSAL, Osman. *A mulher de vermelho*. Disponível em: <<https://www.haberturk.com/gundem/haber/962221-kirmizili-kadin-davasinda-hakimi-kizdiran-cevap>> Publicado: 26/06/2014. Acesso: 21/10/2022

Imagem 7.1: Grupo Estado Islâmico. In: DAHHAN, Ghassan Dahhan; HOLDERT, Milena. Captura de tela de imagens no *YouTube* dos Lutadores de Ahrar al-Sham. 10 de setembro de 2018. Disponível em: <http://www.trouw.nl/nieuws/hoede-nederlandse-overheid-een-syrische-terreurbeweging-faciliteerde~bd73dd6e/> Acesso: 21/10/2022

Imagem 7.2: AP. Grupo Estado Islâmico. Disponível em: https://nypost.com/2014/06/18/cia-faces-intelligence-gaps-in-iraq-as-militants-close-in/?utm_source=Sailthru&utm_medium=email&utm_term=NY_P%20180%20Day%20Openers%20and%2030%20Day%20Signups&utm_campaign=NY%2520Post%2520Newsletter Publicação: 18/06/2014. Acesso: 21/10/2022

Imagem 7.3: VOSKRESENSKY, Mikhail/RIA Novosti. Soldados do exército sírio. Disponível em: <<https://life.ru/p/1059862>> Publicação: 18/07/2017. Acesso: 21/10/2022





Imagem 7.4: KILIC, Bulent. Soldado sírio. Disponível em: *Bing Image*. Ano de acesso: 2020.

Imagem 7.5: ALHALBI, Ameer/AFP. Homens carregam crianças feridas em meio aos destroços da guerra na Síria. Disponível em: *Bing Image*. Ano de acesso: 2020.

Imagem 7.6: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Crianças brincam em meio aos destroços da guerra, na Síria. Disponível em *Bing Image*. Ano de acesso 2020.

Imagem 7.7: EID, Joseph/AFP. Ensaio fotográfico do casal Nada Merhi e Hassan Youssef, em Homs, Síria. 06/02/2016.

Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/08/21/oposicao-siria-diz-que-mais-de-650-pessoas-morreram-em-ataque-quimico.htm?foto=9c7efe30c735797f5720ca86fee16e020160206>

Acesso: 21/10/2022

Imagem 7.8: AFP. Famílias sírias, lideradas por mulheres, se deslocando em meio aos destroços da guerra. Disponível em *Bing Image*. Ano de acesso: 2020.



Imagem 7.9: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Flagra de fuga em massa, pelo mar, de sírios. Disponível em *Bing Image*. Ano de acesso: 2020.

Imagem 7.10: AFP. Menino sírio morto na areia de praia turca. Disponível em *Bing Image*. Ano de acesso 2020.

Imagem 7.11: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Campo de refugiados de guerra. Disponível em *Bing Image*. Ano de acesso 2020.

Imagem 7.12: AFP. Campo de refugiados durante inverno europeu. Disponível em:

<https://middleeastpress.com/slideshow/%D8%B4%D8%B4-%DA%A9%D9%88%D8%AF%DA%A9-%D8%AF%D8%B1-%D9%88%D9%84%D8%B3%D9%88%D8%A7%D9%84%DB%8C>
- Ano de acesso 2020.





Referências

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia da imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BECKER, Howard Saul. *Falando da sociedade*: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges; Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *In: Doc On-line*, n. 3, 2007, p. 137-157. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt>. Acesso em: 08/07/2013.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.

ESTRELLA, Andréia Carvalho. Entre imagens e palavras: um exercício metodológico multidimensional. *In: RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. (org.) Metodologias multidimensionais em ciências humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.



FRIDMAN, Luis Carlos. Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. *História, ciências, saúde* – Manguinhos, v. 2, 1999, p. 353-375.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *A filosofia explica Bolsonaro*. São Paulo: LeYa, 2019.

GIANNELLA, Valeria. Base teórica e papel das Metodologias Não Convencionais para a formação em gestão social. *In: CANÇADO, Airton Cardoso; SILVA JÚNIOR, Jeová Torres; SCHOMMER, Paula Chies; RIGO, Ariádne Scalfoni (org.). Os desafios da formação em gestão social*. Coleção Enapegs. Palmas - TO: Provisão, 2008. p. 11-36

GIANNELLA, Valeria; OLIVEIRA, Cybele Amado de; CALASANS, Fábila Virgínia Marques. Efetivando o discurso da participação: Metodologias Não Convencionais em duas políticas públicas no interior da Bahia. *In: RIGO, Ariádne Scalfoni; SILVA JÚNIOR, Jeová Torres; SCHOMMER, Paula Chies; CANÇADO, Airton Cardoso (org.). Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento: ações, articulações e agenda*. Recife: UNIVASF, 2009. p. 95-120.



FÓRUM REDAÇÃO. Juiz Marcelo Bretas defende o trabalho infantil em tweet. *Revista Fórum*. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/juiz-marcelo-bretas-defende-trabalho-infantil-em-tweet/09/07/2019>>. Acesso: 17/01/2020.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

KULAKSIZ, Serdar. Kirmızılı Kadın davasında hakimi kızdıran cevap! *Habertürk*. Disponível em: <<https://www.haberturk.com/gundem/haber/962221-kirmizili-kadin-davasinda-hakimi-kizdiran-cevap>> Data de publicação: 26/06/2014. Acesso: 20/10/2022

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2013.

MATTAR, João. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.



NTV. 'Kirmızılı kadın'ın devamı. *NTV*. Disponível em: <<https://www.ntv.com.tr/galeri/turkiye/kirmizili-kadinin-devami,ZjGqOWubnE6YRAbfoggeig/7gDEzCTInOm8JzM37HwbYw>> Data de publicação: 05/06/2013. Acesso: 20/10/2022

O'HARE, Maureen. Neočekivani prizor na žestokom prosvjedu protiv vlade. *NI Hrvatska*. Disponível em: <<http://n1info.hr/regija/a47350-neocekivani-prizor-na-zestokom-prosvjedu-protiv-vlade/>> Ano: 2015. Acesso: 20/10/2022

THERBORN, Göran. O sonho da social-democracia na Suécia chegou ao fim? *Revista Opera*. (Trad. Gabriel Deslandes). Disponível em: <<https://revistaopera.com.br/2019/11/30/o-sonho-da-social-democracia-na-suecia-chegou-ao-fim/>> Publicação: 30/11/2019. Acesso: 20/04/2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Micropolítica andina. Formas elementares de insurgência cotidiana. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel (org.). *Demodiversidade*: Imaginar novas possibilidades democráticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.



RODRIGUES, Maria Lúcia. Metodologia multidimensional em Ciências Humanas: um ensaio a partir do pensamento de Edgar Morin. In: RODRIGUES, Maria Lúcia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (org.). *Metodologias multidimensionais em ciências humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

ROSENTHAL, Marcelo; FURTADO, Lilian; OMENA, Tiago; HENRIQUE, Pedro. *Interpretação de Textos e Semântica para concursos*. Teoria, esquemas, exercícios e questões de concursos comentadas. Rio de Janeiro: Editora Campus Elsevier, 2011.

SABARIEGO, Jesús. Tecnopolítica e movimentos sociais globais recentes: questões preliminares para um estudo de caso espanhol e português. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel (org.). *Demodiversidade*: Imaginar novas possibilidades democráticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem*: cognição, semiótica, mídia. 1ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Esquerdas do mundo, uni-vos!* São Paulo: Boitempo, 2018.



SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Edições Afrontamento: Porto, 1988.

SHORT, Maria. *Contexto e narrativa em fotografia*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografias*. Ensaaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Romênia Oliveira de. Outros modos de perceber a pobreza através de narrativas imagéticas. In: *Terceiro Incluído*, v.5, n.2, 2015, p.295-319.

SOUZA, Romênia Oliveira de. *Por outros modos de perceber a pobreza*: narrativas imagéticas de moradores do bairro Alto da Penha, em Crato – Ceará. 2014. Dissertação (Mestrado em



Desenvolvimento Regional Sustentável). UFC Cariri/UFCA: Juazeiro do Norte, 2014.

URQUIDI, Vivian. Repensar a questão (pluri)nacional e o desafio da democracia intercultural. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel (org.). *Demodiversidade: Imaginar novas possibilidades democráticas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *As relações internacionais da Ásia e da África*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.



Data de envio: 05 de dezembro de 2021.

Data de aceite: 19 de outubro de 2022.

